

A insegurança do trabalho avulso no Porto: O que é ser um trabalhador Arrumador do Porto de Rio Grande?

ELVIS SILVEIRA SIMÕES¹; EDGAR ÀVILA GANDRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – elvis.simoes@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – edgargandra@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como finalidade analisar o mundo do trabalho, mais especificamente a trajetória histórica do Sindicato dos Arrumadores, Trabalhadores Portuários Avulsos em Capatazia do Rio Grande & São José do Norte (Sindatacap). Em um universo de trabalho amplo, buscamos compreender as diferenciadas vivencias desses trabalhadores entre os anos de 1960 a 1964.

Uma primeira indagação que podemos formular, é quanto a própria definição de Arrumador e sua função no Porto. Portanto, o que é ser um trabalhador Arrumador? Não é fortuitamente que damos início a este trabalho com esta pergunta, uma vez que tal classe ainda carece de estudos para uma melhor compreensão das suas atividades laborais e reivindicativas frente a dinâmica dos diferentes conjuntos de trabalhos exercidos no ambiente portuário na cidade de Rio Grande-RS. Dessa forma, buscamos contribuir para ampliação desta historiografia que se ocupa dessa temática.

A fim de que possamos melhor compreender como e em que contexto se deu a emergência dessa categoria, é necessário percebê-la em seu caráter de trabalhador avulso com poucos direitos. Essa situação não é uma singularidade do porto de Rio Grande, mas é marcante nos serviços portuários em nível global. Historicamente o trabalho portuário possui forte relevância na estruturação de cidade nos Brasil, sendo para circulação de mercadorias ou para o transporte de pessoas e colonização. Nesse sentido, os Portos se relacionam com o desenvolvimento das principais cidades que possuem contato com o oceano, no Brasil, uma vez que se constitui uma das principais portas de entrada e saída de riquezas. Tendo como referencia Gandra (1999), podemos compreender que em Rio Grande-RS, esta questão se mostra de fundamental importância, uma vez que ao longo do século XIX e XX, seu crescimento se deu principalmente por sua característica exportadora da matéria prima produzida no sul do Rio grande do Sul. Com a ampliação do Porto, a partir da construção do Porto Novo (1909-1915), foi possível a instalação de novos Armazéns, assim como ampliar o fluxo de transportes de cargas e pessoas.

Neste contexto, apesar do desenvolvimento da cidade no século XX, o trabalho no Porto trazia consigo também um espaço de grandes incertezas, uma vez que os trabalhadores estavam sujeitos a sazonalidade do serviço. Para Vivan (2008), “A disponibilidade de trabalho no porto se caracterizava, portanto, pela irregularidade em função da própria sazonalidade da entrada e saída de embarcações.” (2008,p.51-52)

Tanto na perspectiva de Vivan (2008) como na de Falcão (2009), o Porto de Rio Grande possuiu, entre a década de 50 e 60, grande destaque circulação de mercadoria no Rio Grande do sul, bem como, sendo o último porto ao Sul do Brasil era referência nacional. Portanto, é neste contexto de punjancia econômica do Porto que destacamos a organização dos trabalhadores, até então conhecidos enquanto Associação Sindical dos Trabalhadores de Transportes de Carga e Descarga de Rio Grande, os quais viriam a se tornar o Sindicato dos

Arrumadores. O trabalho como Arrumado, foi legalmente reconhecido a partir da Lei nº 2.196, de 1 de abril, de 1954, a qual definiu a criação da categoria de Arrumadores do Porto, o qual passou a compor oficialmente a força-de-mão de obra supletiva do Porto (avulsos). Contudo, em Rio Grande, estes só foram se constituir enquanto categoria a partir de 1962.

O ofício do Arrumador se dava em terra, ao lado dos vinculados aos serviços de capatazia, desempenhando basicamente as mesmas funções destes, uma vez que sua atuação se dava como complemento do quadro de vagas. Desta forma, a Lei nº 2.196 definia a atribuição das funções dos mesmo, bem como designou a utilização de tais serviços à Administração do Porto (Reis, 1973, p.165). Contudo, é importante enfatizar, que pelo fato de constituirem uma força suplementar, segundo Falcão (2009), estes tendiam a executar os trabalhos mais pesados e menos rendosos financeiramente.

Portanto, tendo principalmente o foco nos anos 60 e 64, do século passado, e a posição de destaque do Porto de Rio Grande, é possível compreender a possibilidade de criação do Sindicato dos Arrumadores, visto que a dinâmica comercial de importação e exportação ampliou a demanda. Sendo assim os trabalhadores Arrumadores, compunham mais uma das forças de mão de mão de obra do Porto de Rio Grande, os quais supriam as necessidades da demanda de serviço, porém sujeitos as inseguranças que a sazonalidade do serviço.

2. METODOLOGIA

Este trabalho se fundamenta a partir de uma abordagem qualitativa e quantitativa, na medida em que nos utilizaremos do jornal *O Rio Grande*, de 1960 a 1964, bem como de quatro entrevistas, obtidas pelo método de História Oral.

Tomamos o jornal como fonte importante para compreender o contexto histórico riograndino da década de 60, período este o qual nosso estudo se insere. Luca (2010) nos permite refletir que o jornal é valioso para compreender um dado contexto social, desde que tomadas as devidas precauções, visto que o jornal corresponde a interesses do grupo que o compõem, o mesmo pode servir como uma importante de ferramenta para os historiadores.

No tocante ao método de História Oral, a modalidade que nos utilizamos foi de História Oral Temática, a qual constitui-se em realizar uma entrevista, segundo Meihy (2013), que possui um assunto central definido (2013, p.39). Qualitativamente, a História Oral se torna fundamental para nossa abordagem, uma vez que enfatizará o aspecto da memória do grupo a ser estudado. Assim sendo “O que garante unidade e coerência às entrevistas enfeixadas em um mesmo conjunto é a repetição de certos fatores que por fim, caracterizam a memória coletiva” (MEIHY, 2013, p.28).

Porfim, cruzando fontes, e as problematizando a partir de uma bibliografia correspondente a construção e relações de trabalho no Porto de Rio Grande, poderemos dialogar com o conceito de Insegurança Estrutural de Savage (2004), o qual comprehende como sendo um processo “[...] vivido por todos os trabalhadores.” os quais por não deterem os meios de produção de subsistência necessitam achar “[...] estratégias para lidar com a aguda incerteza da vida diária [...]” (2004, p.33). Com esse apporte teórico metodológico buscamos dar conta da pesquisa ora em desenvolvimento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho está ainda em desenvolvimento, portanto algumas posições poderão ser mudadas no tocante as conclusões. Contudo, aspectos que se mostram relevantes até o momento quando discutimos “o que é ser um trabalhador Arrumador?” é o fato de que tal grupo permanessem, ao longo da década de 60, permanentemente condicionados a flutuabilidade e incerteza de serviços. As condições que a sazonalidade gera na relação de trabalho entre o trabalhador e o Porto, podem ser problematizadas a partir das entrevistas que dispomos até o presente momento. De tal modo que, ainda que já possuindo o Sindicato dos Arrumadores, 1962, seus membros necessitavam compor efetivo junto a outras categorias, como a dos Estivadores. É importante enfatizar, que os serviços junto a estiva não se davam por designação do Sindicato dos Arrumadores, mas era uma forma de tais trabalhadores, em meio a falta de mão-de-obra na capatazia, suprir suas necessidades de serviços.

Sobre esse aspecto da sazonalidade do serviço e os problemas da demanda de mão de obra dos serviços que motivaram a posterior criação do Sindicato dos Arrumadores, muito destacadas entrevistas, convém observar a tabela de Vivan (2008), visto que nos possibilita perceber que não havia uma constante no fluxo de movimentação de carga e descarga no Porto. Logo estimulando a oscilação da necessidade de mão de obra no setor. Segundo este autor, em 1950 o Porto de Rio Grande movimentou cerca de 1.960,2 toneladas de mercadorias, já em 1955, o número passa para 2.967,2 toneladas, decaindo em 1960 para 2.679,4 toneladas. Segundo Vivan (2008), esta queda persiste até a década de 64. Para nós fica evidente essa relação entre a circulação de mercadorias e a oscilação de mão de obra.

Outra problematização que podemos fazer, tomando como referência alguns relatos dos entrevistas, os quais ingressaram em serviços no porto ainda menores de idade, é no fato de que tradicionalmente a condição de avulso no Porto carrega consigo a marca da insegurança na condição financeira familiar. Tais aspectos se refletiam no fato de que os filhos, ainda menores de idade, destes trabalhadores, tendiam a participar na composição do orçamento da família “Nessa perspectiva, os portos estudados constituíam espaços de sociabilidade também perpassados por relações construídas entre crianças e trabalhadores ocasionais (avulsos). Ainda que houvesse outras maneiras de relacionamento entre portuários e crianças que circundavam a orla, os vínculos entre eles possuíam estreita ligação com atividades laborais as mais diversas, sendo estabelecidos durante o próprio engajamento das crianças nas fainas desenvolvidas no cais ou nas embarcações, assim como sob outras condições de trabalho.” (VIVAN, 2008, p.58)

Desta forma, ainda que pertencente a um conjunto de discussões mais amplas, podemos compreender que a insegurança nas condições financeiras, derivadas de um sistema ocasional de trabalho, fazia com que mesmo possuidores de um Sindicato, estes trabalhadores mantivessem atuação junto a outros Sindicatos com especificidades de serviços diferenciados, ou mesmo possuindo a necessidade de iniciar nos serviços ainda menos de idade, a fim de garantir as condições mínimas de sobrevivência da família. Portanto, ao passo que as décadas de 50 e 60 foram períodos crescimento e queda do fluxo de carga, houve impacto significativo na relação de trabalho de tal categoria, visto que a ela cabia a função de complementar a falta de mão de obra. Evidenciando-se assim a insegurança estrutural da categoria em apreço.

4. CONCLUSÕES

Conluímos observando que esta reflexão, ainda que em andamento, se torna importante afim trazer atona uma das importantes categorias de trabalho portuário, os Arrumadores, que até então não foram explorados pela bibliografia referente ao Porto de Rio Grande. Apesar tangenciados em outras pesquisas, estes ainda carecem de trabalhos próprios que tenham como objetivo compreender sua trajetória dentro e fora do Porto.

Desta forma podemos refletir que, o caráter ocasional do trabalho dos Arrumadores faz parte de uma longa tradição de serviços que dependem do fluxo de carga e descarga. Portanto, compreender como esta dinâmica econômica se relaciona com as condições de incertezas no trabalho e com isso a insegurança de vida dos trabalhadores do Porto. Isso possibilita contribuir e problematizar as relações de trabalho apresentadas pela bibliografia que versa sobre a temática portuária.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FALCÃO, Jairo. **Cooperação, experiência e sobrevivência: A história dos trabalhadores do Porto de Porto Alegre (1961-1989)**. 2009. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-graduação, Universidade Vale do Rio Sinos-Unisinos, São Leopoldo.
- GANDRA, Edgar Ávila. **O cais da Resistência**: a trajetória do sindicato dos trabalhadores nos serviços portuários de Rio Grande no período de 1959 a 1969. Cruz Alta:UNICRUZ, 1999.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla Bassenezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010.
- MEIHY, José Carlos. **História oral: como fazer, como pensar**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- OLIVEIRA, Carlos Alberto de. Imagens de Estivadores. In: **Imagens de Estivadores**, 2007, Caetité/BA. Anais do III Encontro Estadual de História: Poder, Cultura e Diversidade. Caetité: MULTI-MEDIA, 2007.
- OLIVEIRA, Carlos Alberto de. **Quem é do mar não enjoia**: Memória e Experiência de Estivadores do Rio Grande/RS (1945- 1993). São Paulo: PUC, 2000.
- PEDROSO, Ticiano Duarte. **Cidade Nova: narrativas do cotidiano no subúrbio operário de Rio Grande**. 2012. 162f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Programa de Pós-graduação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- REIS, Roberto Rangel. **Trabalho Marítimo**: estivadores, conferentes, consertadores, arrumadores – legislação específica, resoluções, normativas do conselho superior do trabalho marítimo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1973.
- SAVAGE, Mike. Classe e história do trabalho. IN: BATALHA, Claudio; SILVA, Fernando; FORTES, Alexandre (org.). **Cultura de classe**: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas, SP: Edirora da Unicamp, 2004, p. 25-48
- VIVAN, Diego Luiz. **Indústria Portuária Sul-Rio-Grandense: Portos, transgressões e aformação da categoria dos vigias de embarcações em Porto Alegre e Rio Grande (1956-1964)**. 2008. Tese de Doutorado (Doutorado em História) Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.